

O SURGIMENTO DA NOITE

*Ou o livro das transformações contadas pelos
yanomami do grupo Parahiteri*

edição brasileira© Hedra 2017

edição Luisa Valentini e Jorge Sallum

revisão Luisa Valentini e Vicente Sampaia

ISBN 978-85-7715-514-9

corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

O SURGIMENTO DA NOITE
*Ou o livro das transformações contadas pelos
yanomami do grupo Parahiteri*

Anne Ballester

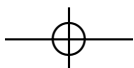
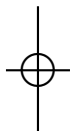
1ª edição

A Coleção Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Isso garante também a divulgação da imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de 20 troncos linguísticos.

Caso você tenha gostado do que aprendeu neste livro e queira usar alguma história ou conhecimento, por favor entre em contato com a editora para pensarmos juntos com as comunidades. Lembre-se por favor que mitologia, neste caso, não é questão autoral tampouco domínio público.

Sumário

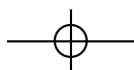
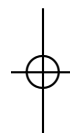
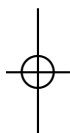
Apresentação	7
Como foi feito este livro, <i>por Anne Ballester Soares</i>	9
Para ler as palavras yanomami	13
 O SURGIMENTO DA NOITE	 15
O surgimento da noite	17
Ruwëri	21
Horonami	25
Horonami	29
O surgimento do tabaco	33
Hãxoriwë	39
Horonami e o tatu	45
Mororiwë	53
O surgimento da banana	61
Pore	67
A anta que andava nas árvores	73
Xama a rë iminowei	77
Para ler as palavras yanomami	79



Apresentação

ESTE LIVRO reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini, sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Estas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem estas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

Anne Ballester Soares

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental, e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipiwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e trans-

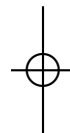
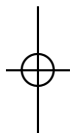
crições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guaraní Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komixipiwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tẽã— História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauíá. Para quem quer conhecer melhor a língua xamatari, recomendamos os trabalhos de Henri Ramirez e o *Diccionario enciclopedico de la lengua yãnomãmi*, de Jacques Lizot.

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando as narrativas para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da Secult-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a série Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* – como eles nos chamam.

Este livro, assim como o volume do qual ele se origina, é dedicado com afeto à memória de nosso amigo, o indigenista e antropólogo Luis Fernando Pereira, que trabalhou muito com as comunidades yanomami do Demini.



Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo lingüista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami.

/i/ vogal alta, emitida do céu da boca, e que soa próximo a I e U

/ë/ vogal entre o E e o O do português

/w/ U curto, como em “língua”

/y/ I curto, como em “Mário”

/e/ vogal E, como em português

/o/ O, como em português

/u/ U, como em português

/i/ U, como em português

/a/ A, como em português

/p/ como P ou B em português

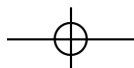
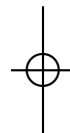
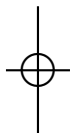
/t/ como T ou D em português

/k/ como C de “casa”

/h/ como o RR em “carro”, aspirado e suave

/x/ como X em “xaxim”
/s/ como S em “sapo”
/m/ como M em “mamãe”
/n/ como N em “nada”
/r/ como R em “puro”

O surgimento da noite



O surgimento da noite

HORONAMI PROCUROU aquilo que nos permite dormir. Ele fez aquilo que nos fará dormir. Aconteceu em toda a floresta. Ele procurou sem desistir, procurou, procurou e acabou encontrando essa coisa perto da sua moradia. A cauda da coisa já estava visível, pendurada em um galho, mas Horonami pensava que a coisa estaria sentada na raiz de uma árvore e continuou procurando longe, em todas as direções.

Não foi a noite que surgiu sozinha, de repente, para nós dormirmos. Assim, quem fez não foi outro. Não foi outro que fez anoitecer: foi Horonami, e apenas Horonami, quem soprou nosso sono — somente ele.

Qual a razão dessa procura? Como de dia ninguém parava de fazer sexo — vocês também não fazem sexo de dia? — e como a noite não existia — era sempre luz forte do dia — para ele esquecer os outros fazendo sexo, ele procurou a noite para envolver todos na escuridão.

A noite estava empoleirada em cima de uma árvore não muito distante. Parecia com um mutum empoleirado, cuja cauda repousava na parte alta de

um galho inclinado de uma árvore *paikawa*.¹ Assim era a escuridão. Apesar de a noite parecer um mutum, Horonami conseguiu encontrá-la. A noite também cantava como um mutum.

Nessa época, os animais — como arara, mutum, queixada, anta, veado, caiarara, maitaca, irara, tamanduá-bandeira, papagaio e jabuti — eram Yanomami e, como os Yanomami, moravam em xapono. Horonami designou cada espécie de animal e deu-lhes seus nomes. Naquela época, ele procurou pela terra firme sem descanso, quando não havia xaponos espalhados pela selva; havia somente o xapono dele.² Os animais também viviam em xapono.³

Quando Horonami soprou a escuridão com sua zarabatana para nós dormirmos, ele queria que anoitecesse. Ele encontrou a escuridão e soprou. Depois de fazer cair a escuridão, ao mesmo tempo se desenhou um pequeno círculo no chão, embaixo do lugar onde estava empoleirado o dono da escuridão.

O pai do cunhado de Horonami se chamava Manawë. Ele era uma boa pessoa, e avisou:

— Ele vai achar agora! Tomem cuidado! — avisou Manawë no xapono.

1. Árvore baixa, chamada localmente de pé-de-maçarico.

2. Horonami realiza diversas buscas para encontrar tudo que os Yanomami usam para viver.

3. Isto é, eram gente.

Quando Horonami flechou o mutum da noite, apesar de estar perto da sua moradia e de retornar correndo, ele também sofreu, porque anoiteceu de uma vez. Depois de ter soprado a noite em todos os cantos, e de ter corrido, ele adormeceu. Naquela noite, os Yanomami também sofreram. Não anoiteceu devagar. Até Horonami passou fome, pois não tinha como fazer fogo. Ele acabou ficando na escuridão, apesar de estar perto do seu xapono. Como foi assim que aconteceu, a mãe dele também sofreu, todos ficaram tontos de fome à noite. A escuridão perseguiu Horonami bem de perto, e ele estava com fome.

Depois de a noite apagar o dia, os que moravam com ele morreram de fome, pois comiam somente terra, comiam terra vorazmente e sofriam. Não sobreviveram. Até seu próprio cunhado sofreu e quase morreu. Horonami ficou angustiado.

Havia então três pajés: o avô, o avô mais novo e o cunhado, e eles esquartejaram a noite, fazendo reaparecer a luz do dia.

Para as pessoas não comerem mais terra, Horonami foi caçar. Ele nos ensinou a caçar. Ele tinha uma zarabatana, que alguns Yanomami usam para soprar, era isso que ele usava. Ele soprava os animais, tinha um sopro forte, e foi assim que ele nos ensinou a matar a caça com veneno.

É assim, é a própria história dos antepassados. É a história daquele que se apossou da floresta, é o

início de tudo, a história do primeiro dono da floresta, Horonami.

Ruwëri

Pëma ki miopë, pëma ki pehi taei ha, të tama. Ìhi të rë tare, exi të ha të taema? Pëma ki rë hititiwë rë miore, të taprapë. Komikomi të urihi ha e kuopë, a taa he yatirarepë, a taema. A taprai he yatiopë, kama yahipi ahete ha, ìhi të texinaki pata hãpraa waikama kupiyei ha.

— Kihami hii hi nasiki ha pei të pata roa — a puhi ha kuni, a taema, a taei payëkou piyëkoma.

Kama titititi a ha kuxëpraruni, a ha harini, pëma ki miopë mai! Kama titititi a xomi ha pëtaruni, pëma ki mio pehi mai! Inaha a taprarema, ai tëni mai! Titititi a rë kuprouwei, ai tëni a tapranomi, Horonami a yaini. Ìhi xïro. Horonamini kama pëma ki maharixipi pehi rë horakenowei Horonami a yaia totihia. Ìhi a xïro yaia.

Heao ha të pë na ha wayotini, heao ha wama ki na wa rë wayouwei, hei të titititi kuprou mao tëhë, mi haru a xïro hiakawë kuotii kutaeni, ìhi të nohi mohotipropë, titititi a taema. Të ka kahupropë.

Hei ai a hikari rë prare naha, kihi Ruwëri a paa, hei a pata paoma, paruri kurenaha a pata paoma. Paikawa koki pata ora hitoteopë ha, të texinaki pata hãpraoma. Inaha Ruwëri a kuoma. Ìhi Ruwëri

a rē kui, paruri kurenaha a kuoma makui, yakumi a he haa he yatirema. Kama titititi a makui, paruri kurenaha a ikima, mia kurenaha, mia ikii kuaama.

Ihi tēhē, yakumi yaro, ara, paruri, warē, xama, haya, hoaxi, ārima, hoari, tēpē, werehi, totori, Yanomami hei kurenaha, tē pē hiraoma. Ihini yaro pē wāha hiraapotayoma. Kamiyē pēma kini, pēma pē wāha yuapē. Ihi tē mi wakaraxi xīro hami a taetima, taetima, taetima...Ai yahi ai, ai yahi, xaponono kurenaha kuo tēhē mai! Yami a pērioma. Hei a xaponono rē kurenaha hapa pē kuoma.

Ihi tēhē Horonamini Ruwēri a rē horaprare, pēma ki rē miowei, tē mi titi titimai puhiope yaro, a horama, titititi kamani a horaprarema. A ha kemarini, ihi tē xīro ha a rē kemare tē ha, isitoripi komorewē titititi a praoma. Titititi a praoma, ihi a pepi ha.

Pe heri hīpi rē kuonowei, ihi pē hii Manawē e wāha kuoma. E wāha wāritio taonomi. Pe heri hīpi wāha kuoma.

— Kuikē a taprai kure. Pei pē ta moyawēpo! — e kuu heama.

Kutaeni a rē niarahari, kama a wāisipi ahetea makure, a rērēimama makui, a no preaama. Rope tē mi titirayou yaro. A ha horararini, a rērēatii makui, hei a mio kure. Ihi tē titi hami, pē no Yanomami preaai xoaopē. Opisi titi a kuaai taonomi. Ihi tēhē kama a makui, a no preaama, ohiri, pohoro hi ki poimi yaro. Kama a ruwēmoma, yakumi kama

a ruwēmoma, a hiraa ahetea makure, a ruwēmoma. Inaha të kuprarioma kutaeni pē nii e no preaama, pē ohiri wēkēkoma mi titi hami. Inaha të kua. Kihi raxa si ki rē kurenaha, ñnaha e ruwēmou kuoma, yahi ahetea makui. Ohiri.

Horonamini pē kâi rē pēriawei ha, pē ka rē hēa-prarihe, ohi a wayuni, pē nomaa haikirayoma. Pē xēprarema. Hei pita a yāxaamahe, a pata wēhēri-mamahe, horema pē rē kurenaha pē no preaama. Ihi e pē hēpronomi. Pe heri a no premapoma. Pe heri e kâi waharoprarioma. Kama a rē kui, a xi harahirayoma.

Hekura ñnaha të pē kua yaro, pē xii, pē xii oxe, pe heri, ñnaha pē kua yaro, ñnaha, ai, ai, ai, pē hekura kua yaro. Titi a ha yakēkēprai he ha yati-roheni, të mi harumaremahe. Ihiru heinaha kuwē, huya, pē hiakapronomi, pē nomaa haikirayoma. Pē ohitima yaro. Pruka mi titi të pē yukemahe yaro, titi a huxomi hami, pē hiakapronomi, pē ruwēri no preaama, pē ni kâi ha mapraruni, ihiru rope pē nomai he tiherimoma, ñnaha të pē kuaama.

Ihi hei të rē kupraruhe hami, kama a rami hui, a rami hui, kamiyē pēma ki hirai ha, yaro pē niai hirai ha, mokawa a poimi makure, yoroo Yanomami të pē rē horaiwehei, ñhinaxomi a poma. Ihini yaro pē horama, mixiã ki hiakao totihioma, ñhi të pou yaro, të pē husuni, të pē ixou hirai ha, ai të ihiru imisi kâi hīrema, të rē xēprarenowei, ñhi rē a rē pērio mi hetuonowei, ihirupi xēprai hayurayoma.

Pore a përioma, hapa kãi, Horonami payeri, ãhi ihi-rupî rë xëprai hirare, kutaeni, òka tē pē ha huni, tē pē xëihe, ãhini tē pē horai hirama. Inaha tē kuwē, pata tē ã yai. Ihi urihi a rē ponowei tē ã, tē komosi rē praikuhe hami tē ã.

Horonami

QUEM NOS FEZ?

Esta é a verdadeira história de nosso surgimento: quando a floresta era virgem, apareceu Horonami, personagem principal de nossa história, por causa de seus ensinamentos. O grande pajé¹ yanomami Horonami surgiu dele mesmo; surgiu ao mesmo tempo que esta floresta e foi quem ensinou os Yanomami a morar nela. Assim foi o início.

Não existia Yanomami como os de hoje, nem outro ser humano.

Ele propagou sua sabedoria para que nossa história fosse sempre lembrada e discutida, como fazemos agora. Aconteceu bem antes de os tuxauas yanomami passarem a existir como existem hoje.² Horonami foi o primeiro habitante da floresta e nos ensinou a morar nela, assim como ensinou também

1. Ser pajé, nestas histórias, quer dizer que o personagem em questão é ou tem a capacidade de se transformar em espírito e, com isso, fazer coisas extraordinárias.

2. No Amazonas, onde vivem as comunidades de Ajuricaba e Komixipiwei, usa-se “tuxaua” ou “liderança” para designar a pessoa de referência de uma comunidade indígena, por essa razão optou-se por esses termos na tradução.

aos estrangeiros, os *napë*.³ Ele não tinha pai, mas mesmo assim ele surgiu. Ele surgiu em uma floresta maravilhosa.

Quem morava com Horonami? Horonami morava com seu cunhado, Wiyanawë, que, apesar de não ter desposado sua irmã, era seu verdadeiro cunhado.⁴ Horonami sempre o levava consigo nos períodos que passavam dentro da mata, chamados *wayumi*, e ensinou os descendentes como ir de *wayumi*.⁵

Apesar de sua mãe não ter parido Horonami, pois ele surgiu de repente, o nome de sua mãe era Yotoama. O pajé Horonami foi quem procurou e descobriu nossa comida, nosso conhecimento da floresta e o habitat dos animais, para que, quando os Yanomami ocupassem a floresta, eles fossem capazes de aplacar sua fome de carne.

3. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.

4. Os Yanomami, tradicionalmente, não podem chamar uns aos outros por seus nomes próprios, por isso usam termos de parentesco. Quando não há consanguinidade, são usados termos de afinidade, como cunhado ou sogro. Cunhado é também um termo positivo, na medida em que indica alguém em quem se pode confiar.

5. Longas estadias coletivas na floresta. Em geral são motivadas pela falta de comida no xapono. A comunidade pode se dividir em vários grupos quando se trata de um xapono populoso, e se desloca num vasto círculo, fazendo acampamentos sucessivos.

Ele descobriu o nome dos animais quando eles viviam como nós. Apesar de serem animais, antes eles viviam do mesmo modo que os Yanomami.

Como ele fez aparecer a água para acalmar a sede dos Yanomami? Ele abriu várias veredas na floresta. Abriu veredas em todas as direções, de forma que elas nunca sumam e que sempre bebamos água.

Horonami tinha seu próprio xapono⁶, onde moravam também seus aliados, que se tornaram muito importantes.

Como se chamava o xapono pertencente a Horonami? Esse xapono chamava-se Horona.

O xapono vizinho, que ficava do outro lado do rio, se chamava Menawakoari. Os primeiros habitantes desse xapono também se chamavam Menawakoari. Penewakoari era o tuxaua e morava com o grupo dos Kapurawëteri. O tuxaua dos que moravam com Horonami se chamava Penewakoari. Kapurawë era o nome do xapono e da região dos Kapurawëteri.⁷

Penewakoari morava com eles e estava destinado a se transformar num monstro. Penewakoari depois se transformou no monstro Xõewëhena,

6. Os xaponos são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

7. "Habitantes": Em alguns casos o xapono tem o nome de seu tuxaua.

faminto de carne e comedor de crianças. Mas, quando ainda era Yanomami, Penewakoari morava no xapono Kapurawëteri, vizinho ao xapono Horona.

Nesses xapono moravam poucas pessoas. Com o tempo, nos xaponos vizinhos foram aparecendo mais tuxauas. Os primeiros tuxauas que viviam nos xapono vizinhos, os xaponos dos aliados, não eram nossos antepassados, eram outros. Sobre eles se contaram estas histórias.

Horonami

Yanomami hekura kama xoati a pētarioma, urihi hami he usukuwē a rē pētarionowei, Yanomami pēriai hirarewē a rē pētarionowei a yai. Inaha tē kua, hapa.

Yanomami hei kurenaha pē kuo mao tēhē, ai tē kuonomi.

Wetini pēma ki taprarema? Kamiyē pēma ki rē pētarionowei tē ā yai kua. Pēma ki rē hiranowei kurenaha pēma ki noā tayopē. Urihi a xomao tēhē, Horonamini Yanomami tē rē hiranowei, īhi a xīro periami pētarioma. Horonami Yanomami tē pē ihirupī pēriami kuo mao tēhē, Horonami hapa kama hekura a pētarioma. Pētarunī, urihi a yurema. Inaha kamiyē pēma ki no patapī yai wāha kua.

A pērikema. Kamiyē pēma ki pēriai hirapē. Napē pē makui, pē pēriai hirapē, hirama. Horonami ai pē nī e kuonomi makui, kama a pētarioma. Urihi hei a kuonomi, urihi katehe a ha a pētarioma, katehe urihi a ha.

Horonami weti xo ki pēripioma? Kama Horonami, pe heri xo, Horonami pe heri a rē pararuponowei, notiwa tē ki wayumi pēriai hirai ha a rē pa-

raruponowei, pe heri Wiyanawë e wāha kuoma, ïhi Horonami pe heri yai, yaipi e poimi makure, Wiyanawë pe heri e kuoma.

Pë niini a kepranomi makui, e xomi pētarioma, pë nii Yotoama e wāha kuoma. Horonami kahiki rë niimonowei kama xoati Yotoama e wāha kuoma, Horonami niipi. Yanomami pë rarou mao tēhë, ïhi a rë përikenowei, hapa a wāha koro prao kure. ïhini Horonamini hekura a rë pëtarionowei, kama xoati a rë pëtarionowei, ïhini kamiye pëma ki rë iaiwei, a urihi rë minowei, yaro pë rë përihimowei, pë rë wārinowei, kamiye pëma ki naiki waopë.

Hei kurenaha kuwë tē pë përihimoma, ïhini yaro pë wāha wārima, ïhi a mori kua yaro. Yarori pë makui, e pë Yanomami përiai ha pariikuni, Horonamini pë wārii piyëkoma.

ïhini pë amixi kãi rë kōamanowei, ïhini wetini, weti naha u pë kupropë? Horonamini urihi hami pei yo pë reiki rë tanowei, exi tē pë kupropë mai! Mayo ki maprou pëo rë mai, yo ki tama. Mau pëma u pë koapë. U pë kupropë, yo pë tama. ïnaha a urihi komio tēhë, ïnaha tē tama.

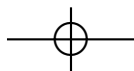
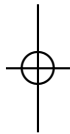
Horonami xaponopi kuoma, pë rë përiowei. ïhi payeri a rë payeriponowehei, përiami tē pë kuprarioma.

Kama xaponopi ipa kurenaha, pukatu hami, ai xapono, a rë kuonowei, Horonami kama xapono e rë ponowei, weti naha e wāha kuoma? A kãi rë

përiownei, nahi rë itaponowei, kama Horona xapono e wāha kuoma. Ihi kamanī a wāha rë yehipore a kāi përioma. Ihi e wāha kuoma, xapono.

Kama kipi rë përipionowei, ihi te he tikē ha, Menawakoari a kuoma. Hapa tē pē rë përiownei tē pē wāha, Menawakoari, Penewakoari hapa Xōewēhena yai, yai tē rë kuprarionowei, Penewakoari a naikia rë përiownei, Penewakoari përiami kē a, Kapurawēteri pē kāi përioma. Hei Horonami kama teri e pē kāi rë përiownei Penewakoari përiami a wāha yai kuoma. Kama e pē rë kui Kapurawēteri e pē wāha kuoma. Kama yahipi, urhipi Kapurawēteri e wāha kuoma. Kama përiami Penewakoari, yai tē kupropē makui, pē kāi përioma. Ihiru pē wama, hei kurenaha pē wama. Hapa a yanomamio tēhē, Penewakoari a përikema.

Inaha houkutawē, kuwētatawē pē kāi përioma. Hāikitawē pē kāi përioma. Ihi kama e pē rë kui Kapurawēteri. Kama përiami Penewakoari a wāha kuoma. Ihi te he wai tikēre hami, pē yahipi he rë tikēkēmonowei, xoati përiami pē kuprarioma. Kama nohi pē yahipi he rë tikēkēmonowei, përiami ai, hapa tē pē rë kuonowei, kamiyē yama ki no patama mai, ai! Hapa tē pē wāha nohi rë wēyēnowehei tē pē wāha.



O surgimento do tabaco

ESTA É A HISTÓRIA DE HÃXORIWË, o dono do tabaco. Antes ninguém usava o tabaco, porque ninguém conhecia suas sementes, nem as soprava para semear.

“É desse jeito que se coloca o tabaco no lábio!” Ninguém pensava assim. Eles não conheciam o tabaco; por isso, ninguém andava com brejeira no lábio, ninguém o usava, pois o desconheciam.

Nessa época, Hãxoriwë morava sozinho, não tinha esposa nem filho. Quando Horonami por acaso o encontrou, ele fez perguntas a Hãxoriwë. Horonami o encontrou pois era pajé e se deslocava facilmente. Quando Horonami o encontrou, ele o viu comendo a fruta *pahi*, um tipo de ingá. Hãxoriwë estava comendo, mas não usava tabaco. Ele tinha vontade de usar tabaco, por isso chorava. Hãxoriwë chorava. Estava sofrendo por causa do tabaco, e assim nos ensinou a ter vontade de usar o tabaco — por isso choramos quando não tem tabaco.

Horonami apareceu naquele momento; Hãxoriwë estava comendo. Ele comia frutas *pahi* sem parar. Os galhos estavam cheios de frutas agrupadas, que estavam penduradas nos galhos carre-

gados. Horonami o viu comer. Horonami estava vindo sem nada, não tinha brejeira, mas fez aparecer no seu lábio um tabaco sem cor. Ele fez aparecer o tabaco *taratara*.¹ Enquanto Horonami ainda estava de pé, ele perguntou a Hãxoriwë:

— Quem é você? Você aí, quem é?

— Não pergunte quem sou! Sou Hãxoriwë! — disse ele. — Meu filho,² é você?

— Sim.

— Você, quem é você?

— Sou Horonami, sou Horonami — disse. — O que você está comendo?

— Não pergunte o que é! — retrucou. — Eu como fruta. Eu como fruta. É a fruta *pahi*! — disse Hãxoriwë.

Quando ele disse isso, Horonami olhou. Ele queria fazer aparecer o tabaco. Ele não fez aparecer o tabaco da forma que o conhecemos, pois ninguém, sequer ele mesmo, sabia preparar o tabaco depois de soprar as sementes e de misturar as folhas com cinzas. Como Horonami era pajé, ele fez sair o tabaco de dentro de Hãxoriwë. Depois de fazer sair o tabaco sem cor, ele o usou. Hãxoriwë olhou e, quando viu o tabaco:

— Hiii! — chorou logo.

1. Trata-se de uma variedade forte de tabaco, muito apreciada.

2. Modo carinhoso usado por parentes mais velhos ao se dirigirem a parentes mais novos, mais especificamente entre pais e filhos ou avós e netos.

Era um ardil para que Horonami lhe desse o tabaco:

— Brejeira! Meu filho! Brejeira! — chorou Hãxoriwë.

— Hiii! Meu sogro! Você está sofrendo tanto assim?!

— Sim! Estou querendo, meu filho! Divida o que você tem no lábio! — chorou ele.

— Meu sogro está sofrendo muito, mesmo! Me dê algumas das frutas que você está comendo e eu lhe darei tabaco para você provar! — disse Horonami.

Com essa conversa, Hãxoriwë jogou uma ou duas frutas. Ele estava sovinando as frutas, guardando-as só para si. Horonami experimentou as frutas.

Depois de chupar as frutas, os caroços caíam por si sós, de tão maduras:

“Hiii! Prohu! Prohu!” elas faziam ao cair.

— Sogro! As sementes estão moles. Tem muitas frutas ali grudadas, tire para mim!

— Não, primeiro me passe a brejeira!

Hãxoriwë nos ensinou essa palavra: brejeira. Assim, quando Horonami a guardou no lábio, ele disse:

— Minha brejeira!

Não apareceu logo esse nome, tabaco.³ Ele só apareceu quando Hãxoriwë pronunciou essa palavra, até então desconhecida. Horonami lhe deu a brejeira. Horonami aproveitou a situação e pediu outras frutas. Assim, Hãxoriwë lhe deu mais uma, mais uma e mais uma. Essas frutas penduradas, depois de colhidas, pareciam cachos de banana.

— Vamos, meu sogro! Experimente! — disse Horonami. — Prova!

“Tëi!”, Hãxoriwë caiu.

— Dê aqui! Traga aqui! — choramingou.

Como Hãxoriwë estava chorando, Horonami lhe deu o tabaco e ele logo o colocou no lábio. Quando o colocou na boca, ele já ficou tonto, e tremia de tontura. Ele chorava, embriagado. A força do tabaco o pegou imediatamente. Ainda com o tabaco na boca ele cuspiu, e a espuma caiu no chão. Onde a espuma caiu, surgiu um broto de tabaco, que logo cresceu e se espalhou de uma vez. As folhas de tabaco logo ficaram grandes, como as folhas da jurubeba.

Horonami fez aparecer o tabaco através de Hãxoriwë. O conhecimento das sementes foi transmitido, por isso nossos antepassados as pegaram e hoje nós usamos o tabaco, apesar de ele se originar do cuspe de Hãxoriwë.

3. Nesta narrativa os dois termos são tratados como sinônimos.

— Meu sogro, depois de melhorar, você dirá: é só tabaco! — disse Horonami.

Enquanto Hãxoriwë estava pendurado e inebriado, uma espuma grande saiu da sua boca, por causa da força do tabaco. Ele se engasgou e cuspiu, e foi dessa espuma que surgiu o tabaco, do cuspe de Hãxoriwë, que se tornou tabaco.

E um dia, quando os antepassados foram de *wayumi*, como de costume, um deles encontrou o tabaco. Assim, fizeram se multiplicar as sementes e ficaram conhecendo o tabaco.

Quem fez aparecer o tabaco? Nós já sabemos, não foi outro que o fez aparecer. Não foi um Yanomami comum.

Havia nessa época os Yanomami do xapono Warahiko, e foram eles que encontraram o tabaco, foi um deles. Quando viram o tabaco, disseram:

— Ōooã! Uau! Uma plantação de tabaco!

Foram eles que pronunciaram o nome do tabaco. Em uma região ali perto, moravam dois Wãimaãtori, de outro xapono. Quando os do xapono Warahiko encontraram um deles, lhe contaram a respeito do tabaco.

— Meu filho! Qual é o nome disso? — Ah, é tabaco! — assim retrucaram os dois Wãimaãtori.

Foi assim que aconteceu: Hãxoriwë, os Warahikoteri e os dois Wãimaãtori descobriram o tabaco primeiro. Foi assim que o uso do tabaco se desenvolveu. Os *napë* não fizeram surgir o tabaco depois

de soprar as sementes. Foi a partir do lugar onde surgiu o tabaco que ele se espalhou por todo canto. Assim foi.

Como surgiu o tabaco? Já sabemos: Hãxoriwë iniciou o processo quando Horonami fez aparecer o tabaco, enquanto Hãxoriwë estava olhando. É obra de Horonami, foi ele quem o fez surgir. Ele é um grande pajé, por isso, o maior.

Depois de o tabaco se espalhar, quando os Warahikoteri eram Yanomami, eles até desmaiaram com a força do tabaco *taratara*. Sofreram de tontura. Os dois Wãimaatori que moravam mais além, apesar de serem resistentes ao tabaco, também desmaiaram e ficaram duros por causa da força do tabaco *taratara*. Mas depois eles melhoraram. Foi assim que, em seguida, pegaram as sementes de tabaco e as espalharam, fazendo-as se multiplicarem aqui. Assim foi.

Hãxoriwë morava aqui. Depois da história do sofrimento de Hãxoriwë, surge a história do encontro de Horonami com o Tatu.

Hãxoriwë

Hãxoriwë të ã. Inaha të kua. Pëe nahe mo ha horariheni, pëe nahe mo ki ha tarariheni, ha horariheni, nahe mo ha homorini, të pë kareanomihe, hapa. Inaha pëe nahe kareamou:

Hata kure! Të pë puhi kunomi. Xïro të pë puhi mohoti kuotima, ïhi të pë husi kãi karereapraronomi, ai të kareanomihe, të pë puhi mohoti yaro.

Ïhi tëhë, Hãxoriwë yami a përioma. Hesiopi mai! Hesiopi a kãi kuonomi, ihirupi e kãi kuonomi. Ïhi a he ha harëni, Horonamini a he ha harëni, a he harema, a he haapërema, a wãrima, ïhi wetini e të yai taprarema. Ïhini rë a he rë haarenì, kama hekura a yaro, hei xïro kurenaha e warokema makui, Hãxoriwë a iai ha tararini, pahi ki ha a iama. Kete, pahi ki ha, xïroxïro pëe nahe kareponomi. A puhi toopronomi, ïhi të pë ha a ïkima, Hãxoriwë a ïkima. Ïhi të pë no pëxiri ha a no preaama, hei pëma ki puhi toomi hirama, pëma ki ma rë ïkiiwei, ïhi tëhë Horonami e pëtarioma. Hãxoriwë a iama. Pahi ki ha a iatima. Pei hi poko ki hami, e të pë pata yërëkëmoma, ximokore e të pë pata reikipramoma. A iai tararema. Ïhi ei të rë pëtamare, xïroxïro a hui-

mama, ai e të kareponomi, axiaxi e të pëtamarema, pei husi hami. Iha e të rë pëtamare, taratara e taprai kure. Horonami e upratou tëhë:

— Weti kë wa? Mihi weti kë wa? — e kuma.

— Wetima! Hãxoriwë kë ya! — e kuma — Xei! Kahë rë wa?

— Awei.

— Weti kë wa?

— Horonami kë ya, Horonami kë ya! — e kuma — Exi wa të ki wai kure? — e kuma —

— Exima! — e kui no mihoma — Kete ya ki wai, kete ya ki wai. Pahi kë ki! — e kuma.

Ihi e mammo xatiprakema. Pëe e nahe pëtamai puhiope yaro. Ai tëni, kamani të mo ki ha horakini, të ha yaarini, e të ripi pëtamanomi. Kama hekura a yaro, pei huxomi hami e hamarema. E ha hamarini, e të karetarema axi. Kihimamo xatiprakema. Pëe nahe ha tararini:

— Hiii! — iharë e ikia xoarayoma, pëe nahe ha, e të hipëamai puhiope yaro, nomohori.

— Weyuyë kēēēē! Xei! Weyuyë kēēēēēē! — e kuma. E mia kuma — Hiii! Xoape wa puhitoo no preomi totihiwë tawë?

— Awei ya puhitooma, xei, mihi wa të wai rë karepore! Të ta karoa haipa! — a ikirani e kuma. E kui ha:

— Xoayë të ã no preo rë totihiwë yai ta kēi. Mihi wa të ki rë ware, ñaha të ki ta hukëa tapa! Ihi hei ya të hipëapë, wa të mipë! — e kuma.

Ma kui tëhë, porakapi e të ki, mahu të ki xëyë-kema, të ki no xi imapou yaro. Të ki nowamama. E ha xëyëkini, e wapama.

— Hiii! Prohu! Prohu! — kama e mo ki prërëi rëoma, hĩ horehewë të ki pata.

— Xoape, të mo ki pata prore totihiwë kē! Mihi xĩtoxĩto të ki pata rë tëre, ñhi të ki pata ta hukëpa!

— Ma, weyuyë a wai ta hio pario! — Kama Hã-xoriwëni weyu a wãha hirama. Ihi kutaeni, a kare-pou ha:

— Weyuyë kē! — e kuma.

Hapa pëe nahe wãha kuo haionomi. E ha kuni, e të hipëkema. Ai ki ha nomohori nakaa kōrëni, ñaha, hei ai a, ai a, ai a, ñaha e ki takema. Ihi ki rë yërëkëawei, e ki pata ha hoyorëni, hawë kurata e të ki hamo pata rii kuwë.

— Pei! Xoape! Hei! Të ta wapa! — e kuma. Wapëpraa, ñhi rë!

— Tëi! — e kerayoma. Hëyëmi kē! Hëyëmi kē! — e mia kuma.

E ñkirani, e hipëkema. E karetaĩ xoarayoma. Ihi ei e rë karerehe hamĩ, Hãxoriwë a rë kui, a hairëma. A yatiyatia hairayoma. A porepi ñkima, yëtu a hairëma, ñhi të ma karepore makui, kihamĩ pei kahi u pë pata porepi rë prarirouwei, kahi u pë moxi, kua-

ama makui, ihami rē nahe pē rē pētore, kihi nahe pata rē homorihe, ihi nahe pata pēprarioma, pē. Hawē kuma masi mohe pata rē yoarihe.

Ihi Hāxoriwē iha nahe pē rē pētamarenowei, nahe mo ki piyēai ha kuikuhēni, pēma tē pē hore kareai kure, pei kahi u pē makui.

— Xoape wa ha harorini: *pē nahe* wa kupē tao — e kuhērima.

A porepi rukēo tēhē. Pei kanehēro pēni a xoaprararioma, pē nahe wayuni. Ihi iha pē nahe ki harayoma, pei kahi u pē pēnaheprarioma. Pata pē hui ha kuikuni, tē pē wayumi ma rē huiwei, tē pē ma rē pēriaiwei, tē pē pēriama, pē nahe he pata rē haaiwei, a hurayoma.

Tē mo ki paramai xoao hēriipehe, te he pata haremahe.

Wetini tē ki pētamarema? Pē puhi kui mai! Ai tēni pē nahe pētamai taonomi, Yanomami tēni mai! Warahikoriteri pē hiraoma. Kama pē xīro hiraoma. Ihi pēni pē nahe he haremahe. Warahikoriteri ani. Ihi pēni pē nahe ha tarariheni:

— Ōooāa! Pē rē nahe pata!

Ihi rē pēni nahe wāha yupraremahe. Ihi tē he tikēa ha, Wāimaātori ki pēripioma. Ihi Warahikoriteri pēni a he ha hareheni, Wāimaātoriwē kipi iha pē ā no wēa piyēkema. Ihi kipini:

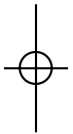
— Xei! Weti naha, exi tē pē wāha? Puhi ku tihehē! Pē kē nahe! — Wāimaātori kipi kupima.

Ihi pēni, hei Hāxoriwē, Warahikoteri, Wāimaātōri kipi īnaha pēe nahe kareaī rē xomaonowehei pē kuprarioma, te he haa rē xoamakenowehei. Inaha a kupro hēripē, pēe. Napē pēni tē mo ki ha horakeheni, napē pēni a kāi tapranomihe. Taprano hei ami, napē pē iha. Ihi a urihi rē kutarenaha nahe pētopē ha, a xomi tapramai xarayo hērima. Inaha a kuprarioma.

— Weti naha pēe nahe kuprarioma? — puhi kui mai! Haxōriwēni. Horonamini e nahe hipēkema. Kama hēyēmi e nahe pētamarema, kama mamo yēo tēhē. Ihi unosi yai, Horonamini tē rē pētamarenowei, tē yai. Kama hekura a yai pata, pē hii a yaro. Pē hii yai.

Hei pē rē kui, ei a rē piyērēahei, īhi Warahikoteri pē rē kui, pē Yanomami kuo tēhē, hei pēe naheni, taratara a wayuni pē nomarayoma. Pē porēpi no preaama. Hei ki he rē torepire ki no motahapiwē makui hei taratara ani, ki kāi nomawē kaxexēpiwē no prepioma. Ihi makui, waiha kipi haropirayoma. Kutaeni hēyēha nahe mo ki piyēremahe, piyēa xoaremahe. Nahe mo ki piyēaihe, hēyēha a raroa piyēkema. Praukou xoaoma. Inaha a kuprarioma.

Hei Hāxoriwē a pērioma, hēyēha. Ihi tē mi amo ha, hei a no rē preaamare, hei a no rē premarihe, a ha hayuikuni, Mororiwē a he hōra haa piyērema.



Horonami e o tatu
O surgimento do cipó e da embira

O TATU ERA YANOMAMI e era muito comprido.¹ Horonami encontrou o Tatu. Por que Horonami cortou o Tatu bem na cintura? Nós, Yanomami, amarramos terçados e fazemos as cordas de arco com o cipó-de-apuí que se ergue na mata. Nós o cortamos e descascamos. É com isso que nós amarramos nossas redes, com as embiras de cipó-de-apuí.

Horonami cortou o Tatu. Antes disso não havia linha de pesca. Nossos antepassados não tinham corda de rede. Depois de encontrar o Tatu, depois de esticar suas tripas, depois de destruí-lo, ele o cortou em pedaços.

Foi Tatu quem fez aparecer o machado, pois foi ele quem o fabricou. Ele percebeu que certo tipo de madeira dura parecia um cabo de machado. Assim, o Tatu possuía o único machado. Ele ensinou aos *napë* como fabricar o machado. Então ele não

1. Era gente, e tinha os hábitos e o corpo semelhantes aos dos Yanomami. Trata-se aqui do tatu-de-rabo-mole-comum (*Cabassous unicinctus*).

tinha dificuldade em tirar o mel, pois tinha o machado. Ele fez um cabo comprido, depois de quebrar um pau, enfiou e amarrou o machado de pedra em um pau, era um machado de pedra; depois de amarrá-lo, ele partiu um tronco e tomou mel. Os antepassados não tomavam mel, não sabiam tomar. Ele ensinou a tomar mel, ele que existiu primeiro, quando os Yanomami não existiam, quando este inventor não morava entre eles, ele ensinou a tomar mel. Esse tatu se chama *moro*. Horonami o encontrou.

Ku, kôu, kôu, kôu, kôu, kôu!, fazia Tatu, cortando o tronco. Horonami ouviu esse som pela manhã.

— Ho! Quem produz esse som, eu quero ver. Dá para ouvir de longe — disse Horonami.

Ele logo foi em direção ao som. O Tatu estava sozinho; o som fazia zoadá. Horonami estava indo na direção do som e parou. Tatu derramava o mel *tima*,² ele o derramava de uma árvore à qual deu o nome de *roa*³. Horonami ficou de pé parado, perto de Tatu, fazendo um som com a boca para chamar sua atenção. Aí fez outro som com a boca, mas Tatu nem olhava, ele cortava sem parar, com as pernas abertas. Naquela época, ninguém chamava o outro

2. Mel de uma abelha de mesmo nome, que faz sua colméia no oco dos troncos, próximo ao solo.

3. Árvore alta e de madeira dura.

de “sogro”, Horonami nos ensinou então a chamar de “sogro”:⁴

— Hii, meu sogro! — disse. — Meu sogro! — disse Horonami com uma voz assustadora.

Quando disse isso, o Tatu parou.

— Ii! Ō! — disse assustado. — I! Ō! De quem é essa voz? — O Tatu falava assim. — De quem é essa voz? — ele respondeu, com uma voz que não era normal. Era o seu jeito de falar mesmo.

Horonami olhou, sorriu.

— Sogro! O que você está comendo? O que é isso? — disse Horonami.

— Não pergunte quem eu sou! — ele disse — Você sabe quem eu sou! Sou o Tatu! — disse ele. Dizendo isso, ele perguntou:

— Qual é o seu nome? — Ele desafiou Horonami a dizer seu nome.

— Ii, eu sou Horonami.

Horonami falava com uma voz bem bonita, pois ele era bonito.

— Hii, meu filho, eu sou o Tatu.

O Tatu era esbranquiçado. Ele era branco, como os *napë*. Ele o chamou logo.

4. Sogro, ou tio. O uso desse termo indica uma relação de respeito. Horonami que se aproximar de Tatu. Trata-se também de uma observação irônica, pois as mulheres ainda não existem no período em que acontecem as histórias de Horonami, e portanto as relações de aliança (sogro/cunhado) não são uma possibilidade.

— O que você está querendo fazer? O que você está cortando?

— ã! Estou comendo assim! Estou comendo isto.

— Eu quero experimentar — disse Horonami. — Quero experimentar um pouco! Posso beber? Que tipo de mel é?

— Não pergunte o que é! É o mel *tima* — disse o Tatu.

A partir desse momento, nós, Yanomami, aprendemos a chamar esse mel de *tima*.

— Lá tem mel *tima*! — Ao vê-lo, eu direi assim.

Foi o Tatu que ensinou o nome. Horonami chegou mais perto daquele que estava falando. O Tatu maroto chamou Horonami.

— Vai! Experimente, meu filho! Experimente, meu filho! O buraco da colmeia ficou aberto. Pise nesse buraco e entre nela! — disse.

Era uma armadilha para fazer Horonami entrar no buraco da árvore. Horonami aceitou:

— Hiii! Será que o buraco tem espaço suficiente? O mel está jorrando, está gotejando mesmo. O buraco da colmeia está em baixo. A colmeia acaba aí. Entre lá dentro! Fique mais em cima, pise para baixo! Eu estou olhando! — disse o Tatu, malicioso.

Quando ele disse isso, Horonami cedeu e entrou logo. Foi logo e entrou, a colmeia fazia barulho, e ele foi até o alto da colmeia. Ficou de pé lá no

alto dela. De pé, onde ele entrou, pelo buraco que Tatu tinha feito. O Tatu fechou o buraco, e não havia outra saída. O Tatu prendeu Horonami lá em cima. Horonami gritava lá dentro. Não tinha como sair. Se Horonami fosse um Yanomami como outro qualquer, ele jamais sairia. Ele gritou e gritou lá de dentro, sofrendo, gritando e chorando. Chorava como criança. O Tatu, que o prendeu, fugiu correndo para longe. Aquele que estava preso por si só fez espocar a árvore. O Tatu já estava longe.

— Ele não vai me seguir — pensou o Tatu, muito seguro de si.

Horonami, com seu pensamento e seu sopro forte, arrebentou a árvore *roa*. Ele ficou de pé e olhou ao redor, mas o feioso que o prendeu não estava mais ali. Horonami ficou sozinho.

— Hĩĩĩ!

Depois de pular com a explosão, passou pegando a dala e a zarabatana que estavam penduradas. Colocou nas costas.

— Hĩĩĩ! — gemeu. — O que tem o nome de Moro, esse feioso, ele ferrou comigo! — disse, triste.

Horonami não errou de lugar: ele correu logo para onde o Tatu havia ido, e foi rápido, ensinando-nos a correr. Horonami correu na direção do lugar onde havia muitas pedras saídas da terra; ele correu e correu, seguindo os rastros do Tatu, como fazem os cachorros. Daí, Horonami correu dando uma

volta, e cortou o caminho do Tatu. Horonami o encontrou e o Tatu se assustou. Como o Tatu o havia prendido, ele ficou com medo e com raiva por dentro, e tentou agradá-lo, mas não conseguiu suscitar a compaixão de Horonami.

O Tatu apareceu.

— Taha! Arrá!— disse Horonami.

Era mesmo o Tatu. Ele espreitava, com a mão sobre a testa, à procura de mel. Olhava passando entre as árvores. Horonami já estava de pé, pegou um atalho e deu uma volta. O Tatu se confundiu na floresta e acabou chegando justo onde estava Horonami. Horonami estava de pé, atrás da árvore, e deu um susto grande nele. Horonami queria cortar aquele que o havia aterrorizado. Ele decidiu levá-lo até um tronco, fingindo que ali havia uma colmeia, para fazê-lo se abaixar. O Tatu pegou o machado.

— Hī! Meu filho, aqui está! Aqui está! — disse. — Hō, hō, hō, hō! Meu filho! Hō, hō, hō, hō! Venha cá ver! Olhe aqui! Meu filho, aqui está! — disse Horonami.

Horonami dizia isso tentando agradar o Tatu, e ia indo atrás dele.

— Hīīī! Me passa isso que você tem aí no ombro, está afiado mesmo? — disse Horonami, astuto.

A falsa colmeia fazia barulho, e Horonami fez diminuir esse barulho, para que o Tatu abaixasse a cabeça para ver melhor a colmeia. Enquanto o

Tatu olhava para a colmeia com a cabeça abaixada, enquanto ele estava nessa posição baixa, ele dizia:

— Aqui está a entrada da colmeia!

Quando o Tatu disse isso, o machado já estava na mão de Horonami e, enquanto o Tatu abaixava a cabeça, Horonami o cortou bem na cintura.

Krihii, kriihii!, fez Horonami, cortando o Tatu para se vingar, pois ele tinha sofrido por causa do Tatu.

— Ëëëëããaaë! — gemeu a parte de cima do longo corpo do Tatu.

Apesar de ser só um pedaço, a parte superior correu embora, sofrendo. Do lado de cá ficou a parte inferior; as tripas vinham se esticando e a parte superior ficava rolando. Assim, as tripas foram se esticando até lá, elas não se arrebutaram. A parte superior daquele que Horonami havia cortado, e que ele queria que se tornasse o tatu *moro*, foi lá para cima, até onde estão os espíritos. Foi para lá que fugiu a parte superior do Tatu. Aqui no chão ficou a parte inferior.

Só um pedaço do Tatu chegou aos espíritos. Suas tripas não apodreceram; elas foram até onde se erguem as árvores e subiram nelas. Uma parte das tripas do Tatu se transformou em cipó-de-apuí e outra parte se transformou na embira *xinakotorema*, com a qual, depois dessa transformação, os Yanomami começaram a amarrar as cabeças das redes de cipó. Foi assim.

Apesar de nossos antepassados saberem fazer redes de cipó, eles se deitavam no chão, pois não havia corda. Eles se deitavam no chão — colocavam a rede de cipó no chão para deitar.

Como foi que eles descobriram a rede de cipó? Eles não sabiam descascar o cipó-titica com os dentes, então era assim.⁵ Até as moças deitavam no chão. Deitavam uns em cima dos outros, como os cachorros. Sofriam na escuridão. Eles eram assim. Dormiam passando frio. Para que nossos antepassados não passassem mais necessidades, as tripas de Tatu se tornaram cipó-de-apuí que amarra as redes. Foi assim.

Depois da transformação das tripas, eles passaram a usar o cipó para fazer terçados e machados de pedra, e para amarrar a cabeça das redes, também feitas de um tipo de cipó. Depois, com o passar do tempo, eles teceram cestos. No início eles também não sabiam tecer cestos. Assim foi. Esta história acabou.

5. O cipó-titica é usado na fabricação de cestos.

Mororiwë

Ihi Mororiwë Yanomami a kuoma, a rapeoma. Hei a he haa piyërema, Hãxoriwë a wapëa hayurema.

Ihi exi të ha a rii pëprarema? Pëixoki pëprai rë piyërayonowei. Yanomami pëma kini sipara pëma pë ôkapë, hãto pëma nahi tana pë tapë, xiki pë uprahaapë. Xiki a kuo tëhë pëma a ha hanirëni, pëma a kãi hikekeai. Ihi ani pëma ki pëki he ôkaopë, xiki pë kupropë.

Mororiwë a pëprarema. Ihiya masitana pë kuonomi. Pëma ki nohi patama pëki tana pë kã kuonomi. Ihi a he ha harëni, xiki ha hĩrihou xi ha wãria hërinì, hemata a pëprarema yaro.

Mororiwë hãyokoma kama e posi rë pëtario-
nowei, kamani posi taprarema. Himaro a ha tararini, hãyokoma kurenaha e të kuoma. A ukërema, a ha ukërinì ihi kama Mororiwëni rë a hãyokoma mahu poma. Napë pë iha të tai hirapë. Mororiwë a makui a xiro no preaanomi. Napë pë iha hãyokoma a tapramapë, a ukërema. Hawë hãyokoma a kure a hũkema, poo e maro kuoma a kora ha ôkakini, puu a wama. Kamiyë pëma kini puu pëma pë wanomi. Pata të pëni puu pë wanomihe, u pë kã koai taonomihe. Ihi tëhë, ihini puu pë wai

hirakema, kama a rē kuo xomaonowei, Yanomami
tē kuo mao tēhē, tē puhi rē taowei tē pērio nike-
reo mao tēhē, ñhini puu pē wai rē hirakenowei kē
a. Moro pē wāha kua. A he hōra harema:

— Kou, kou, kou, kou, kou, kou! — e kui pēra-
oma. Harika a he hōra harema.

— Ho! Weti a hōra, ya tē mii ta yaio hēri kē?
Tē hōra karēhou ayaa — a ku hērima.

Ĥhami e katitia xoarayoma. A hōra moroko-
taa tayoa yaro, ai a payeri kuama mai! a hōra
karēhoma. E rē huimiiiii, e uprakema. Hei a tuyēi.
Tima e tuyēma. Roa iha wāha tapramapē, roa hi
ha a tuyēma. E upratarioma. Xoape! Ai tē kái ku-
nomi. Ĥhini tē pē xiimou hirakema. E upratarioma.
E kahiki sukuukumorayoma. A ma tahamore, e
mamo xatipraonomi. E paxēpaxēmoma, e rereke-
rani.

— Ĥii, xoape! — e kuma — Xoape! — e kui no
kirihiwē pētarioma.

E kui ha, e tiraprakema:

-Ĥi! Ō! — e kuma, a ātiprario yaro — Ĥ! Ō! Weti
kē wa wā? — e kuma. Ĥnaha a wā hai kuoma. —
Weti kē wa wā? — e kunomi.

Ĥhi Ĥnaha kama a wā rii hai kuoma. E mamo
xatiprakema. E kahe watetarioma.

— Xoape! Exi wa tē wai kure? Exi kē tē? — e
kuma — Ō! Weti kē wa?

— Wetima! — e kuma — Wetima! Mororiwë kē ya! -e kuma — Mororiwë kē ya. Ai weti naha kahē wa wāha kua kure? — e kuma, a wāha kãi yupramarema.

-Ĥi! kamiyë Horonami ya ta kui! — e kuma.

A wā kãi hai totihitao he parooma. A riëhëwë yaro.

— Ĥi! Xei! Kamiyë Mororiwë kē ya! — e kuma.

E pruxixioma. Weti a au nikerea kure? A au-oma. Napë pë au rë kurenaha. A nakaa xoarema.

— Weti naha wa tē tapë xoapë? Wa tē paxai ta kurawë?

-Ĥi! Pei ya tē wai! Pei ya tē wai!

— Ya tē wapai puhia ta kurani — e kuma — Ya tē wāisipi wapai puhia ta kurani! — e kuma — Ya tē u koapë kē! Exi naxomi kē tē? — e kuma.

-Ĥi!, exi tē ma! Tima kē a — e kuma.

Inaha Yanomami pëma ki kui hëopë:

— Kiha tima a kua — ya ha tararini, ya kupë.

Ĥi tē hira. Tē wāha yuprai hirai ha. A rë kure e ukukema. A nomohori nakarema. Inaha tē pë kuaai puhio yaro. Kamiyëni pë nomohori ha nakarëni, pë no xëa rë kurepiwei naha, a taprai puhio yaro, a nakarema:

— Pei! Wapëpraayo! Xei, wapëpraayo! Xei! Hei oraora u nanoka pata hëkei kuhe! U nanoka pata ta kakukuprario, hëyëmi wahë ki ha rukëtari-oni — e kuma.

A nomohori rukëmapë. E ha kuni, e kui ha, e no xi kâi ïmaonomi.

— Hïï! Wa të hi ka yawëtëa ta yairawë! Hei të u pë nia pata weoweo, të u pë nia pata xararawë nohi yaii! Hei u pata koro, hei kē! hëyëmi u he pata tatoa kure! A ta rukë taru! Kiha wahë ki he ha torehe taruni, ïnaha u pata kakukupia taya hëri! Ya mamō yëo tëhë! — e xomi kuma.

A kui ha, e rukërayoma. E ihetarioma. E ha ihetaruni, Horonami e rukërayoma. E rë kōririmo hëriiwei, u he pata tatoopë ha, e upra parihirayoma. Upra paru huruni, hei a rë rukëmare ha, a rë pëpramouweini ta ka komipramarema, ai e te hi ka kuonomi. Kiha a xi wāri parihirayoma. Kohomo hami a kōmimai kupoti. A no hapimi yaro. Hei kamiyë Yanomami pëma ki rë kurenaha, a rukëi ha kunoha, a no yokëi kōtaopi rë mai! A rarima, kihami a wā kōhomocketayoma, a rariprarou no preoma, a ïkima. Ihiru kurenaha a miomiopraoma. Hei a ka rë kōmapramariheni, e tokurayoma. A ka komaprarema yaro. Hei a xi rë wārimakihe, kihami e rërërayoma. A pëka rë kahure kama pehi hōra homoprou hërayoma. Prahaa waiki tare:

— Ware a nosi yauai mai tao! — e puhi xomi ha kuni.

Kama puhini, kama mixiã kini, roa hi pata hëti-marema.

— Hīīī! Pou! — a upratarioma. Wāriti tēni a ka rē kahupraiwei, a miprarema kuonomi. Yami a hētarioma.

— Hīīī! — e kuma.

E ha yutupraikuni kama ruhu e ma ki pesi rē rukēpouwei, ma ki pesi hayurema. Tē ki ha yehitarini:

— Hīīīī! Pei a wāha yuamou Moroa rē wāritire, a no hore huxuai mata yai taniīīī — a kui he yautarioma.

Yai hami e kái hui mai! Ihi kama a hu hēripē hami e rērēa xarayoma, e hua xarayo hērima, tē pē rērēai hirai ha. Maa pruka ma pē pata urere-mopē hami, a xomi ma rērērayonowei, ihi rē mayo hami e rērēa hērayoma, hiima kurenaha. Kihami a rē rērēre, kihami e xokei tēhē, hei kama a rē kui, a xokei tēhē, mi yapai tēhē, hēyēha a mi heturema, Mororiwē e kirirarioma. A ka kahuprarema yaro, e kirirarioma, a asimoma, a wā xomi hirama, a nohi no ohotaamopīma mai! E pētarioma

— Taha! — e kuma.

No yaipīmi. E huko si yohoa taroma, puu na pē mīī ha. Hīi hi pē koro hami e kuapraroma. Hei a ma upraa waikire ha. Hēyēmi a he rii tiheriprou, kihami a xomi rē xokeprora kiri, a nohi rē mohotuaimi, hei te hi ki mīī rē katitirayoi ha, a upraoma. Hēyēmi a ayōriprou, a upraoma. E mi yami kerayoma. iŋha a rē kirimare, iŋha rē a pēprarema.

Hei a rē ruruare, hēyēha e naki pēka tamakema, e kuami makui, a ruruapē, kama mohe potamapē. Hāyokoma e yurema.

— Hī!, xei, hei kē a, hēyēha a kua kure — e kuma — Hō, hō, hō, hō, xētēwē tē wai, hō, hō, hō, hēyēha kē tē ta mipra ayo, xei, hei kē — e kuma.

A xomi yokomama. Ihī a ma kui tēhē, e ayōprarioma.

— Hīhi, mihi tē ta hiprao! Wa tē rē rukēpore tē namo? Tē namowē, namo kē tē! — e kui topraroma.

Hēyēha e naki makuonowei makui, e naki ā mi wētēa piyēmakema. E naki mimapē. Inaha e naki mīi ha, e kutou tēhē:

— Hēyēha hei tē ka wai — e kutou tēhē, īhi e rē yure, mohe potou tēhē, pei pēixoki yai ha a paheti-prarema:

— Krihii, kriihiii! — kama a no yuo ha, kamani a no preama tikooma yaro.

-Ēēēāāāē! — oraora e kuma, a ma hematai, hēyēmi a no preaa hērīma.

Kihi korokoro a rē praa hērati hami xiki hīrihou hēoimama, oraora a rē yapuro hērīwei, yapuro hērīi, yapuro hērīi, yapuro hērīi, inaha xiki hīrihou kurakiri, xiki hētīnōmi, kama a rē pēprarihe, oraora a rē kui.

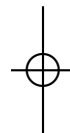
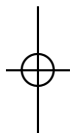
A Mororiwē praii puhīopē yaro, hekura pē ihami, a ora hurayoma. Ihami a ora tokurayoma. Kiha korokoro a prao hēoma. Ihī Mororiwē a wa-

ropë hemata. Ihi xiki rë kui, xiki kâi tarei maopë, hii hi kuopë hami, xiki kâi tua xoape hërima, xiki a kuprarioma. Ai xiki xiki kuketayoma. Kihami ai xiki katirayo hërima. Kihami xinakotorema a kuprarioma, ihi xi pë hami. Inaha xi pë rii ha kuraruni, tē pë pëki he ôkaoma, hapa. Inaha a tapra-
rema.

Hapa tē pë pëki tao makui, pei tē pë praoma. Tona ki kuami yaro. Tē pë praoma, tē pë përiapë hami, tē pë pakohepramoma.

Ihi weti ha pëkipëki a ha tarariheni? Tē pë mohoti yaro, hei masi pë makui, too toto pë makui, tē pë kâi waxai taonomihe. Inaha tē kuoma. Kuwë yaro, tē pë moko makui tē pë praoma. Hi-
ima pororoo kurenaha tē pë kupramoma, tē pë kuaama. Ruwëri kē tē pë no preaa kure. Inaha tē pë kuoma. Sâihiri, tē pë prapramoma, inaha. Inaha tē kuoma. Kamiyë pëma ki no patama hõriprou ma-
opë ihi Mororiwë xiki xikiprarioma.

Ihi xiki ha kupraruni, sipara pë, poomaro pë wai hiimamahe, tē pë pëki he kâi ôkaoma, tē pë opi puhi ha taorini, yorehi si pë kâi tiyëmahe, wii pë kâi tiyëi taonomihe, hapa. Inaha tē pë kuaama. Ihi ei tē ã rë kui, tē ã makema.



O surgimento da banana

A HISTÓRIA DA BANANA-PACOVÃ. No início era assim. Nossos antepassados surgiram e não sabiam plantar bananas. Não fosse por isso, não haveria essas bananeiras. Não teria aparecido esse tipo de banana.

Como pensou e agiu aquele que fez surgir a banana, depois de morar e se estabelecer? Geralmente a gente vai à mata e encontra um lugar como se alguém tivesse roçado, um lugar queimado e limpo, bem no meio da selva. A gente chama esse lugar de “queimado do Fantasma”. Nesse tipo de lugar se encontra um telhado de palha, como aquele que nós costumamos tecer.

Embora ninguém tenha dito ao Fantasma, “teça as palhas assim!”, ele as teceu, apesar de ninguém ter ensinado para ele. Depois de Horonami ver o queimado, ele encontrou o Fantasma, dono do queimado, que morava ali. Nesse tipo de lugar, erguem-se os pés de sororoca, que são semelhantes às bananeiras, mas não dão banana.

O surgimento das bananeiras, não foi porque o Fantasma cortou, queimou e roçou a sororoca. Ele

não as plantou. Elas simplesmente surgiram no dia seguinte.

Proto! *Pauximi!* Proto! *Rokomi!* Proto! *Monarimi!* Proto! *Pakatarimi!* Proto! *Nakoaximi!* *Rokoya!* *Rokoroko!* *Roorewë!*

Estas bananeiras e sororocas simplesmente saíram delas mesmas. Dois dias depois, o Fantasma voltou ao lugar onde havia queimado as sororocas e viu que tinha nascido também batata-doce. Não foi em outros xaponos que ele pegou. Lá onde Fantasma tinha seus alimentos, onde havia as bananeiras, as sororocas se transformaram em bananas-pacovãs e a batata-doce surgiu. Ali também dava cará, ária, pimenta e o mamoeiro. Foi o Fantasma que fez aparecer as bananeiras. Elas vêm do Fantasma.

Por que ele as fez aparecer? Porque ele tinha um filho, que ele tinha de alimentar.

Ao ouvir a voz do filho do Fantasma, Horonami descobriu a sua moradia e pegou com ele umas mudas de bananeira.

O Fantasma não tinha outros parentes. Ele mostrou aos Yanomami que é possível ter somente um filho. Ele fez apenas um filho, apesar de sua esposa ser moça. Agora ele não é mais pajé, como foi em vida.

Aquele que vinha, Horonami, encontrou as bananeiras e pediu mudas ao Fantasma. Quando não existiam nem roças, nem Yanomami, depois de Ho-

ronami pegar as bananeiras, ao chegar ao seu xapono, ele deu nomes a elas, deixando com isso o ensinamento de como plantar as bananeiras. Ele as pegou para nós as termos. Até hoje existem as bananas de diferentes variedades: *rokomĩ*, *nakoaximi*, *rokoya*, *pauximi*, *monarimi*, *pakatarimi*. Assim foi.

Nossos antepassados e os antepassados dos *napẽ* não comeram banana desde o início. Hoje, tanto os *napẽ* quanto os Yanomami plantam bananas, a partir do ensinamento de Horonami.

COMO OS NApẽ DESCOBRIRAM A BANANA

Como aconteceu a descoberta da banana pelos *napẽ*? Qual foi o Yanomami que levou as bananeiras aos *napẽ*? Ninguém levou as mudas de bananeira aos *napẽ*. Uma moça estava reclusa.¹ A água saiu e as roças afundaram. Essa água levou a mulher e por onde a levou, levou também as bananeiras afundadas, até aonde os *napẽ* vivem; foi o rio que levou as bananeiras para que eles, os *napẽ* as descobrissem. O rio desejava a mulher menstruada porque ela era bonita. No que ela se tornou? O

1. Quando a menina yanomami tem sua primeira menstruação, ela fica em reclusão por um período entre uma semana e dez dias, dentro de um pequeno cômodo feito de folhas de açai no xapono. Essa reclusão a protege do assédio de espíritos num momento em que ela fica em evidência. Aqui a moça atrai o interesse do rio, que a carrega para fora do xapono para se casar com ela.

rio a levou porque a desejava. Da mulher menstruada que as águas levaram, sua imagem se espalhou nos rios. Multiplicou-se a partir dela mesma. Foi a água que a pegou. O rio disse:

— Meu sogro, quero uma mulher! Me dê a sua filha!

O rio entrou, perseguindo a mulher. O rio entrou rápido. Olha só a água! Ela entrava por trás das casas, apesar de a terra ser alta.

— Prako! Prako! — dizia o grande rio.

O pai mandou pintar a filha, nessa hora ele a pintou, seu irmão a pintou. O pai mandou seu filho pintá-la. Ele estava com muito medo de se afogar na água, que vinha ameaçadora, se mexendo como em plena tempestade. A água se mexia com grandes banzeiros, nos quais a mulher pintada foi jogada, apesar da sua beleza. Seu pai a fez afundar. O rio levou a sua filha, e não a devolveu. Ela não se afogou, e o rio a levou como sua esposa.

— Eu, apesar de ser água, farei dela a mãe d'água! Eu vou pegá-la — disse o rio.

Por isso, esta Yanomami se tornará a mãe do rio. O rio se retirou. Depois de pintarem seu rosto com desenhos bonitos, colocaram penas de cauda de papagaio nas suas orelhas. Feito isso, as folhas de açazeiro da reclusão foram removidas e a água entrou. O xapono dele era como os nossos.

— Mãe! Mãe! Pinte minha irmã! Enfeite-a! Enfeite-a depressa! — disse o irmão da moça.²

— Essa ideia dói muito, meu filho, mas não tem jeito, entregue mesmo tua irmã!

Apesar de ser o rio, assim falou o pai. Ele mandou entregar a filha. Foi assim que ele disse. Existe um canto sobre a mulher levada pelo rio, há um canto sobre ela:

Xiri tõi!

Xiri tõi,

Xiri tõiwě,

Xiri tõi,

Xiri tõi,

Xiri tõi,

Xiri tõiwě!

Ela cantou. Quando ela pronunciou o nome de seu marido, o rio respondeu:

— Tuuuuuuuuuuuuu!

— *Xiri tõi! Xiri tõi! Xiri tõi!* — cantou o pai.

Ele falou assim, cantou assim e, quando parou de cantar, o xapono quase caiu, levado pelo rio. O irmão a pegou para jogá-la, apesar de ela estar chorando. Ela chorava, por causa do seu irmão:

— *İiaaıı!* Meu irmão! Meu irmão! Não fique triste! Meu pai! Meu pai! Não fique triste! Minha mãe! Minha mãe! Não fique triste!

2. A moça enfeitada normalmente seria entregue a um marido humano, não a um marido rio.

Enquanto ela chorava assim, o irmão a pegou.

— Hii! — Kopou!, ele a jogou de cabeça.

Fazendo assim, a água a pegou e logo a levou. O rio cheio já estava esperando. Quando o rio se retirou, revelou uma grande extensão de terra.

— Puuu! — disse o rio.

Foi assim, o rio desceu de uma vez só.

— Aëëë! — ela disse.

A mulher se tornou boto, aquele que boia na superfície da água, pois a jogaram na água quando ela estava menstruada; ela estava de reclusão, a vagina dela estava ainda sangrando. Por isso se tornou a mãe da água. A imagem dela se espalhou e ocupou todos os rios. Aquelas bananeiras *rokoroko* que a água levou, bem como as pacovas, se multiplicaram na terra dos *napë*. Assim foi, as bananeiras se multiplicaram.

Pore

Hapa, ïnaha të ã kua. Kamiyë pëma ki no patama rë pëtoŕe hami, kurata si keaï taonomihe. Ìhi të mao ha kë kunoha, kihi të si ki kuami. Inaha kuwë të si no pëtopirë mai!

Ìhi weti naha të ha taprarini, kama a përiopë ha, a përitopë ha, weti naha a puhi ha kutaruni, kurata si ki kupropë të tama? Urihi pë kãï ma rë humouwei, kihami wa hui, poreïxinoripi kama hawë ai të hikaŕimoma, të ïxino wararawë praa, praa hõkoa. Inaha të rë kuawei ha hei kurenaha kamani ïhi hei kurenaha pëma hena pë tiyëpë. Kama Pore a rë pëŕionowei, ïhi heinaha tiyëwa e henaki kuoma. Hei kurenaha:

Inaha henaki ta tiyëprari! A noã tamoimi makui, ïhini henaki kãï tiyëwa kuoma, hei yãa kurenaha. A hiramonomi makui. Ìhi a rë pëŕire ha, a rë pëŕionowei ha, ïxino kama e të ha tararini, Pore kama ïxinoripi he harayoma. Ìhi të pë kuopë ha, hawë kurata si pë rë kure, të pë tuku ma rë xirikii, mokohe mo si pë rë kui. Ìhi mo si ki a rë kupŕionowei, kurata si ki.

Poreni kama ĩxinoripi ha kęaruni, kama poo eni, tę pę ha pęarini, ĩxino ha pęaruni, tę ha ĩximarini, ĩhi mokohe mosi ki ma kuonowei, kamanı a keanomi. Mokohe mosi pę kuopę ha, tuku uprahaopę ha, tę pękema. Pęarini, tę ĩximarema, ai tę henaha, ai tę henaha, kurata si ki.

Proto! Pauximi! Proto! Rokomi! Prohto! Monarimi! Proto! Pakatarimi! Proto! Nakoaximi! Rokoya! Kama rokoroko e ki, roorewę, kama e xıro harayoma. ĩhi mokohe mosi pę ĩximapę ha, ai tę henaha, ai tę henaha, tę miı mi ayoma. Hukomo ĩha e kęi homoprarioma. Ai tę yahi ha, ai tę yahi ha, a ha yahirini, a ha yuręni, a yuanomi. İha kama Pore ni pętopę ha, kurata e si ki kupropę ha, mokohe e mosi ki kuratapropę ha, hukomo e pętarioma. İhami e kau homoprarioma. Åhęęki ĩharę, kumawę ma ki ĩharę, pręki åsi ki ĩharę, ĩnaha tę pę kuprarioma. Xamakoro e kęi kaurayoma. İharę ĩhi Poreni kurata si ki rę pętamarenowei kurata si ki.

Pore ihami si ki, ĩhi exi tę ha e si ki pętarioma? İhirupi e mahu kua yaro. Suwę e kuami makui, węro, ĩnaha e kuoma. İhirupi e kua yaro, kurata si ki pętamarema, mokohe mosi ki kurataprarioma.

İhi Pore a rę kuini si ki, ĩhi iha si ki kararu piyęrema, Horonamini, a he ha haręni. A pęria ha tararini, ihirupi a wę he ha haręni, ihirupi mahu e tę wai kuoma. Payeri kuonomi, suwę pę yai ai yai e kuonomi. Yanomami tę pę xapopıpropę, tę pę xa-

popi hirai ha. Mahu e të wai takema, moko makui. Hei tëhë, a rë kuonowei naha, a hekura kuwëmi.

Hëyëmi e ha kuaaimani, hëyëha a he harema, a he hareyoruma. Ihi heini a he rë haarëni, kurata si ki kararu nakarema, Pore iha. Yanomami të pë hikaripi mao tëhë, të pë përio mao tëhë, ihi iha si ki ha yurëni, të pë ha hirakini, kama e të pë ha hirakioni, a kōopë ha, të pë noã ha tarini, ihi kurata si ki kã wãha ha yuprarini, si kararu kearemahe. Ihi pëma a piyëmai puhio yaro, si ki yurema. Kihami si ki rë pëtono rë kure hami, ai iha si ki kua xoa: rokomi, nakoaximi, rokoya, pauximi, si pë kua xoa. Inaha të kuprarioma.

Hei kamiyë pëma kini no patama rë kui, pëma ki napë pë no patamapi rë kuini kurata a wai haionomihe. A wanomihe. Napë pë no patama maa xoa yaro. Kuami yaro. Inaha të kuoma. Ihi weti iha kurata si ki rë yurehe, si ki rë pararayonowei, weti a wãha hapa kua? Pore a yaia. Pore hesiopi xo ki përipioma. Porakapi. Kutaeni ihi iha a rë pararayonowei kurata, napë pëni kurata a kã taihe.

Ihi weti naha si ki yua ha tarë hëriini, weti Yanomami tëni si ki ha yurë hëriini, napë pë ihami si ki he haapehe, si ki kurayo hërima? Ai tëni si ki yuani. Suwë a ha yipimorini, a pesi prakema. Suwë a rë yipimore hami, mau uni suwë a ha puhini, a riëhëwë yaro, ihi exi të kuprarioma? Suwë pë rë kui, exi të pë të kupropë? A yure hërima, a no ha puhiarini. Hei a suwë yipimono rë yurenowei, a

no uhutipi pata u hami a kurarioma. Pruca a kuparioma. Pei a yai. Kama uni.

— Suwë ya puhii! Xoape, tëëhë a ta hio! — u pata ha kuni, kama u pata harayoma.

U pata hai nosi yauama. U pata hai xoatarioma. Kihi u pata, kiha të pata ma tirere, kihi xika hami të mi pata tëaai he yatia.

— Prako! Prako! — u pata kuma.

Ihi tëhë hei pë tëë a rë kui a yäprarema, heinaxomi naha, të rë kurenaha, hei kurenaha, a yäprama, heparapini. Pë hiini e noã waxukema. Kama a mixi no tukepi ha, mau uni a napë kuyëpraimai yaro, yari a hui tëhë, u pë pata rë kuaaiwei naha, u pata kuaama. Hawë pë të u pata hoyahoyamaihe, të u pata kuaai ha, yäprano a kemaparema, a riëhëwë makui. Iha pë hii e kepema. Pë tëë a rë kui ihi uni e yure herima. Kōamai kōanomi. A mixi kãi tuamanomi. Mau uni a yure herima, hesiopi.

— Hei mau ya u rë kui, ya u niipi kupropë, ya yurei kuhe — e u kuma.

Kuwë yaro pë nii e u kua, Yanomami. U pata harayoma. A ha yäprarini, werehi e texinaki kã huukema. A mi kã yäakema, riëhëwë a oni taprarema, wãima e henaki hoyaremahe, hoyai tëhë e u pata hama, hei ipa xapono kurenaha e kuoma.

— Nape! Nape! Nakami a ta yäprarixë! A ta pauxiprarixë! A ta pauxiprai hairo!

— Pēhē ki puhi kuaai pērai kē, xei, kuopētao kē yai wani a ta hipēkixē! — mau u makui ha, pē hīi e kuma. E hipēamai puhima. Kama nomahēa. Inaha e kuma. A amoa kua, mau uni a rē yure herinowei:

— Xiri tōi! Xiri tōi, xiri tōiwē, xiri tōi, xiri tōi, xiri tōi, xiri tōiwē! — e kurayoma. Ihi kama hēaropi u wāha yuai ha:

— Tuuuuuuuuu! — a wā hurema, mau uni. Ihi pē hīi:

— Xiri tōi! Xiri tōi! Xiri tōi! — pē hīi e kuma.

Kui tēhē, ihi ei rē e tē rē takihe ha, e tē huhe tai tēhē, a pehi kahi mori raia hērii tēhē, pē yaini a xēyēparema, a hurihia nokarema, e mia no preo makui. E ikima, pē yai a mia no poma.

— Hiaaāi! Apawē, apawē kuo pētao! Hapemi, hapemi, kuo pētao! Napemi, napemi kuo pētao! — e kuma.

A ma kui tēhē, a hurihia he yatirema.

— Hīi Kopou! — a ēpētarema.

A xēyēa ēpēparema. Kuaai tēhē, a nokare herima. Ihi a no tapomai yaro, u rē ōkimohe, u ōki rērēi makuimi. Hīi! Urihi a pata! Puuuu! U pata kuma. Heinaha tē pata kutario hērima.

— Aēēē! — suwē a kutario hērima.

Ihi a rē potuprarionowei, ihi rē pē pokēkou, yipi a kemaparema yaro. A pesi praoma yaro, naka iyēo xoaoma, iyēiyē hēyēmi e yōu xoawē yaro a kemaparema. Kutaeni hei mau u niipi kuprarioma. Kama a no uhutipi, pē huokema, pē xerereokema.

Mau u ki haikirema. Ihi tēhē rokoroko si pē pata
rē yure herinowei, kurata ai pē pehi pata rē yure
herinowei, pē pararayoma, napē pē urhipi hami!
Inaha tē kuprarioma, paraomopotayoma.

A anta que andava nas árvores

FOI HORONAMI quem perguntou os nomes dos animais. Horonami encheu a floresta de animais. Horonami encontrou a anta Xamari, que andava como Yanomami. Ela andava nos galhos baixos, vindo em sua direção.

Hukru! Hukru! Prããã! ela fez ao cair.

Ela andava nas árvores como os cuatás. Afinal, ele encontrou a anta andando nas árvores. Felizmente, ele fez com que ela descesse, para que nós pudéssemos comê-la.

É sempre um acontecimento quando matamos uma anta para comê-la!

A anta não andava no chão: andava nas árvores de uma espécie nativa de louro, atravessando os galhos e comendo as frutas maduras. Horonami fez quebrar o galho para que a anta caísse. Depois de cair, ela se acostumou a andar no chão.

A Anta chegou ao xapono dos Esquilos, mas lá não deu certo, então ela foi para a mata. Os Esquilos se juntaram quando Anta ainda era Yanomami, e a chamaram. Queriam saber quanto ela aguentava comer.

Os esquilos viviam como Yanomami: moravam em um xapono no alto das árvores e faziam festas como nós, embora eles fossem se tornar animais. Um dia, eles chamaram as cutias, os caititus, as queixadas, as antas, os papagaios e as maitacas. Havia muita comida, mas os convidados não conseguiram comer tudo. Até a anta também desistiu de comer, pois pressentiam que algo ia acontecer.

De repente, todos eles se transformaram em animais.

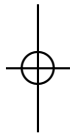
As queixadas também eram Yanomami. Os cipós se arrebentaram e elas caíram. Foi lá, na região do xapono dos Esquilos onde não conseguiram comer, pois estavam prestes a se transformar. Não havia nenhuma queixada antes de eles se transformarem. Nessas regiões, não havia queixada. Subiram até o alto, subiram, estavam subindo até a ponta do cipó. Lá, o cipó arrebentou no meio. Queixada! Se isso não tivesse acontecido, lá naquela floresta, hoje as queixadas andariam nas árvores.

A anta foi quem caiu primeiro e passou a andar no chão, tornando-se um animal terrestre. Em seguida, o cipó das queixadas arrebentou. Outros Yanomami, que ficaram na parte superior do cipó se transformaram em macacos cuatás. Assim foi.

As queixadas ocuparam toda a floresta. Elas desceram rio abaixo. Horonami conseguiu assim fazer a anta descer ao chão, e hoje nós as comemos. Assim que foi. Não havia animais no início, pois

eles viviam espalhados, como os Yanomami, em vários xaponos.

Yãukuakua! Yãukuakua! Ninguém fazia assim. É assim mesmo. Esse grande animal que anda no chão, quando estamos famintos de carne, nós a comemos, ela anda mesmo no chão. Nós a comemos.



Xama a rē iminowei

Ihini xīro yaro a rē warireni, ĩhini urihi a no yaropi kãi tapramarema.

Xama a makui, a he kãi harema, Xamari Yano-mamĩ a huma. Kihamĩ yahatoto hamĩ a imĩma, kiha tē pē pata imĩi:

— Hukru! Hukru! Prãaã! — a pata ha prērēni, a pata kuma.

Paxo kurenaha xama a imĩma. A imĩi he haa piyērema, hore kunomai, a kea piyēmarema a horehewē tikowē yaro, xama, kamiyē pēma kini pēma pē wapē.

Yakumi pē ha niapraheni pēma pē wapē. Kahu ki hamĩ a pata ha imĩri hērini, a pata ha piyēikuni, tatetate ki wapē. Inaha xama pita hamĩ a hunomi, hapa. Imirewē kē a kuoma. Ihi a rē imire, a pata ha kerini, pita hamĩ a hua xarayoma. A hua hexipaa xarayoma.

Wayapaxiri pē iha a waroo xi ha wāriani, urihi hamĩ a hurayoma. Iha a kerayoma, a pehi ha kē-praruni. Ihi kōmi tē pē ha kōkapraruni, Xamari a Yanomamĩ kuo tēhē, a nakaremahe. A wausi wapapehe, Wayapaxiri pēni.

Yanomami pë hiraoma, xaponu kurenaha pruka pë hiraoma, pë reahumoma. Yaro pë kuoma makui, pë kã reahumoma. Wayapaxi pë rë kui, tomi, poxe, warë, xama, werehi, ârima pë nakaa hititi-remama. Makui, Wayapaxi pë ni haikianomihe. Xama a makui, a kã tiraa no prekema.

Iha pë xi rii wãrihou xoaoma. Warë Yanomami pë kuoma. Iha pë pehi kã hëtimarema. Iharë Wayapaxiri pë iha pë iai xi wãriama, warë a hunomi. Hei pë urihi hami warë pë hunomi. Ihi kihami horehe hami warë pë mori imima, hititiwë. ?hete hei pë ora pata rë tuore, tã pë pata imii, ora pata kuaa hërii, hërii, hërii, kihi tokori pë rë kurati naha, kiha pë pehi pata hëtirayoma. Warë!

Xama xoma hami a kerayoma, pita hami a hui waikio tãhë, a pitamou waikio tãhë, ihi tã nosi yau hami warë pë pehi rë hëtire, paxo ai pë hurayoma. Oraora paxo kã pë. Inaha pë kuprarioma.

Warë pë rë kui, hei pë pata rë hëtire, urihi a rë kui a haikiprarioma. Hei pei pë koro yai rë kui pata u koro rë kure hami pë pehi pata nihõroye hërima. Hei pëma pë wapë. Inaha tã kuprarioma. Yaro a hunomi, hapa, pë përihiwë yaro, Yanomami kurenaha tã pë xaponopi kuprawë yaro, pë hunomi.

— Yãukuakua! Yãukuakua! — ai tã pë kã kunomi. Inaha tã yai kua. Ihi a pata rë hure, a ha pitapraruni, kamiyë pëma ki naikii, a wamopë a pitapramai he yatirayoma. Pëma a wapë.

Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo lingüista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami.

/i/ vogal alta, emitida do céu da boca, e que soa próximo a I e U

/ë/ vogal entre o E e o O do português

/w/ U curto, como em “língua”

/y/ I curto, como em “Mário”

/e/ vogal E, como em português

/o/ O, como em português

/u/ U, como em português

/i/ U, como em português

/a/ A, como em português

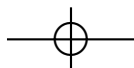
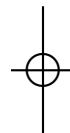
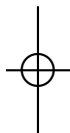
/p/ como P ou B em português

/t/ como T ou D em português

/k/ como C de “casa”

/h/ como o RR em “carro”, aspirado e suave

/x/ como X em “xaxim”
/s/ como S em “sapo”
/m/ como M em “mamãe”
/n/ como N em “nada”
/r/ como R em “puro”



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas
oficinas, em 23 de fevereiro de 2017, em tipologia Libertine,
com diversos softwares livres, entre eles, Lua^ATeX, git & ruby.
(v. 572c4c6)

